

A PAISAGEM COMO FERRAMENTA DE PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO: TEORIA E MÉTODO

*LANDSCAPE AS A RESEARCH TOOL IN ARCHITECTURE AND
URBAN PLANNING: THEORY AND METHOD*

*EL PAISAJE COMO HERRAMIENTA DE INVESTIGACIÓN EN
ARQUITECTURA Y URBANISMO: TEORÍA Y MÉTODO*

Norma Regina Truppel Constantino

Professora Doutora - FAAC/UNESP – Bauru. E-MAIL: norma.rt.constantino@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8333-7092>

Karina Cristina Chiari

Mestranda - FAAC/UNESP – Bauru. E-MAIL: karina.chiari@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6550-6012>

RESUMO:

No contexto atual das transformações da paisagem na era do Antropoceno, caracterizada pela significativa influência humana sobre o meio ambiente e pelas mudanças climáticas em curso, a compreensão e os estudos sobre a paisagem tornam-se essenciais. Compreender a paisagem vai além de observar seus aspectos visuais; é necessário analisar os processos históricos, culturais e ecológicos que a moldam. Essa análise integrada fornece uma base sólida para desenvolver estratégias e procedimentos metodológicos que informam práticas de pesquisa. Com base nesse cenário, o presente artigo tem como **objetivo** principal apresentar a paisagem como um referencial teórico e metodológico, unindo as possibilidades de integração entre teoria e prática. O **referencial teórico** está ancorado nas cinco problemáticas paisagísticas que coexistem no pensamento contemporâneo, conforme Besse (2014). Os **resultados** deste artigo culminam em um quadro síntese dos procedimentos metodológicos passíveis de serem aplicados em pesquisas e estudos sobre a paisagem, apontando os resultados possíveis que cada abordagem pode apresentar.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem; procedimentos metodológicos; estratégias de pesquisa.

ABSTRACT:

*In the current context of landscape transformations in the Anthropocene era, characterized by significant human influence on the environment and ongoing climate change, understanding and studying the landscape become essential. Understanding the landscape goes beyond observing its visual aspects; it is necessary to analyze the historical, cultural and ecological processes that shape it. This integrated analysis provides a solid foundation for developing methodological strategies and procedures that inform research practices. Based on this scenario, the main **objective** of this article is to present the landscape as a theoretical and methodological reference, uniting the possibilities of integration between theory and practice. The **theoretical framework** is anchored in the five landscape issues that coexist in contemporary thought, according to Besse (2014). The **results** of this article culminate in a summary table of methodological procedures that can be applied in research and studies on the landscape, pointing out the possible results that each approach can present.*

KEYWORDS: *landscape; methodological procedures; research strategies.*

RESUMEN:

*En el contexto actual de transformaciones del paisaje en la era del Antropoceno, caracterizado por la importante influencia humana sobre el medio ambiente y el cambio climático en curso, la comprensión y el estudio del paisaje se vuelven esenciales. Comprender el paisaje va más allá de observar sus aspectos visuales; Es necesario analizar los procesos históricos, culturales y ecológicos que la configuran. Este análisis integrado proporciona una base sólida para desarrollar estrategias y procedimientos metodológicos que informen las prácticas de investigación. A partir de este escenario, el **objetivo** principal de este artículo es presentar el paisaje como referente teórico y metodológico, uniendo las posibilidades de integración entre teoría y práctica. El **marco teórico** está anclado en los cinco problemas del paisaje que coexisten en el pensamiento contemporáneo, según Besse (2014). Los **resultados** de este artículo culminan en un cuadro resumen de los procedimientos metodológicos que se pueden aplicar en investigaciones y estudios sobre el paisaje, señalando los posibles resultados que cada enfoque puede presentar.*

Palabras clave: *paisaje; procedimientos metodológicos; estrategias de investigación.*

INTRODUÇÃO – APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

De acordo com o dicionário (DICIO, 2024), o termo "paisagem" pode ser definido das seguintes maneiras: 1. Extensão territorial que a vista alcança; panorama; 2. Reunião dos componentes e elementos naturais, ou não, observados a partir de um determinado lugar; 3. Natureza, tipo ou característica de um espaço geográfico; 4. Expressão artística (pintura, desenho, fotografia, gravura etc.) cujo tema é a natureza, as formas naturais, os ambientes do campo. Essas definições abordam o conceito de paisagem sob diversas perspectivas, relacionadas a diferentes áreas de estudo e campos profissionais.

Segundo o filósofo Jean-Marc Besse (2014), a paisagem pode ser compreendida como um espaço organizado e moldado pelas sociedades ao longo da história, sendo tanto fabricado quanto habitado. Além disso, trata-se de um sistema complexo que integra elementos naturais e culturais em uma totalidade dinâmica e evolutiva, permeada por fluxos, e que pode constituir-se como um contexto de projeto.

Conforme Serrão (2019, p.14) a Filosofia da Paisagem possibilita a conciliação entre o mundo natural e humano, a possibilidade de coexistência através da compreensão da natureza como base da vida, mas também como uma conciliação de distintos e desagregados conhecimentos – uma reflexão abrangente. Portanto, considera-se a paisagem como uma categoria sintética que possibilita uma interpretação, proposição e antecipação de intersecções entre o natural e o humano, o físico e o espiritual, o intocado e o construído, o real e o ideal (Serrão, 2019).

Esse conceito também é abordado por Assunto (2011), e traz a paisagem como a síntese essencial entre a matéria (território) e seu conteúdo ou função (ambiente), destacando que a vida não se desenrola apenas no registro burocrático do território, mas na interação dinâmica entre o ambiente e o território modelado por ele. A paisagem é apresentada não apenas como uma representação visual, mas como um produto das interações entre sociedade e natureza, carregando as marcas das atividades humanas e dos processos naturais que vão se alterando ao longo do tempo.

No campo da geografia, para Milton Santos (1988, p.61) “[...] tudo aquilo que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” Para o autor a paisagem pode ser compreendida como o “[...] conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área” (Santos, 2002, p.103).

Segundo Aziz Ab’Saber (2003) “A paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente

as herdaram como território de atuação de suas comunidades”. Essa dualidade torna a paisagem um elemento dinâmico e evolutivo, refletindo tanto a história natural quanto a história humana. Augustin Berque (2023) fala da necessidade de termos um “*penseé paysagère*”, (pensamento-paisagem) e, segundo o autor:

Concretamente encarnado num certo lugar, numa certa época, o sentido profundo da paisagem não é outro senão a relação dinâmica (o momento estrutural) que se estabelece entre o ecúmeno e a biosfera, e entre a biosfera e o planeta. É a mediância [...]. E o pensamento-paisagem é a maneira pela qual cada ser humano, da sua carne as suas ações, traduz essa mediância (Berque, 2023, p.115-116).

Nesta vertente, Maderuelo (2006) diz que é necessário fazer um esforço para “pensar a paisagem”, de procurar desenvolver ferramentas analíticas e sintéticas para compreender como se produzem hoje as transformações na paisagem. Frente às transformações provocadas e as inevitáveis resta uma ferramenta: “pensar”! “*Pensar el paisaje en cuanto actividad cultural en sus dos vertientes: histórico y científico*” (Maderuelo, 2006, p.7). Essas transformações conscientes da paisagem apresentam conotações econômicas, sociais, políticas e ideológicas (Maderuelo, 2006, p.8). Retomando aos pensamentos de Berque (2023), é possível acrescentar que:

Ora, isso é mesmo que as nossas sociedades buscam cada vez mais massivamente; é o que tão bem indicam a explosão do turismo e a urbanização difusa (esse modo de vida surrealista no qual uma sociedade funcionalmente urbana e supermecanizada pretende viver na natureza campestre). É nesse ponto que a forclusão é mais grosseira e que o nosso modo de vida é insustentável, não durável, ecologicamente, injustificável eticamente (pois é acompanhado de desigualdades crescentes) e inaceitável esteticamente (pois ele mata a paisagem). Tornada objeto de consumo de massa tanto pelo turismo quanto pela urbanização difusa, a paisagem, hoje em dia desempenha um papel central e grave (Berque, 2023, p.122).

No contexto atual das transformações da paisagem na era do Antropoceno, caracterizada pela significativa influência humana sobre o meio ambiente e pelas mudanças climáticas em curso, a compreensão e os estudos sobre a paisagem tornam-se essenciais. Apreender a paisagem envolve mais do que observar seus aspectos visuais; é necessário analisar os processos históricos, culturais e ecológicos que a moldam. Essa análise integrada fornece uma base sólida para desenvolver estratégias e procedimentos metodológicos que informam práticas de pesquisa, além de contribuir na construção e planejamento de cidades sustentáveis e resilientes.

As pesquisas relacionadas a paisagem devem empregar métodos multidisciplinares que incorporem geografia, ecologia, história e sociologia para interpretar a paisagem de forma holística. Técnicas como a cartografia, a análise geoespacial e os estudos de campo são essenciais para mapear as características físicas e os usos do solo.

Além disso, a participação comunitária é fundamental para captar o conhecimento local e as percepções dos habitantes sobre a paisagem, garantindo que os projetos atendam às necessidades e aos valores da população.

A partir dessas estratégias e procedimentos metodológicos é possível enfrentar os desafios contemporâneos, como a urbanização acelerada e as mudanças climáticas. Segundo Besse (2014, p.32) “aquele que pretende estudar as paisagens tem como tarefa primeira e essencial ler e interpretar as formas e as dinâmicas paisagísticas para aprender nelas algo do projeto da sociedade que produziu essas paisagens”. Portanto, a leitura atenta da paisagem e a aplicação de métodos multidisciplinares são indispensáveis para a formação de arquitetos e urbanistas capazes de projetar cidades mais harmoniosas e resilientes.

Face ao exposto, é possível observar a diversidade de termos e conceitos ligados à paisagem e como diferentes autores, em diferentes contextos, abordam esse conceito. Conclui-se, portanto, que os estudos sobre a paisagem não devem se limitar a uma única abordagem de pesquisa, mas sim considerar todos os aspectos supracitados.

Tais exposições também são compartilhadas por Besse (2014, p.7), onde segundo o autor “observa-se que um verdadeiro campo de pesquisa se constitui no que se refere à questão da paisagem, onde se encontram várias disciplinas e várias profissões”.

Os estudos contemporâneos da paisagem se mostram cada vez mais pluralizados, e “o que é paisagem” tem sido cada vez mais difícil de ser respondido, como podemos observar de acordo com Besse (2014), a um porquê dessa questão:

O que é a “paisagem” nas culturas espaciais modernas e contemporâneas? [...] Efetivamente, existem, atualmente, uma polissemia e uma mobilidade essenciais do conceito de paisagem, e essa situação teórica deve-se, em partes, à atomização profissional acadêmica das diferentes “disciplinas” que fazem dela seu campo de estudos e de intervenções. Sabemos que a paisagem é um objeto não apenas para o paisagista, o arquiteto ou o jardineiro, mas também para a sociologia, a antropologia, a geografia, a ecologia, a teoria literária, a filosofia etc. E nada garante que essas diversas disciplinas, quando confrontadas à questão da paisagem, pensem na mesma coisa e mobilizem as mesmas referências intelectuais (Besse, 2014, p.11).

Em continuidade, o autor propõe cinco possíveis “entradas” nessa questão, **cinco problemáticas paisagísticas que coexistem no pensamento contemporâneo** e que não se superpõem exatamente, é verdade, embora possam ser, às vezes, articuladas umas às outras (Besse, 2014, p.12). É partir deste referencial teórico que o presente trabalho se desenvolve.

Portanto, este artigo tem como **objetivo** principal apresentar a paisagem como referencial teórico e metodológico, desenvolvendo a partir da base teórica de Besse (2014) e as “cinco portas da paisagem,” procedimentos metodológicos que podem ser utilizados em pesquisas e estudos acerca da paisagem.

AS CINCO PORTAS DA PAISAGEM COMO REFERENCIAL TEÓRICO

“As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas¹” é o primeiro capítulo do livro de Jean-Marc Besse intitulado “O Gosto do Mundo: Exercícios de Paisagem”, a obra explora profundamente a relação entre seres humanos e paisagens, propondo uma reflexão filosófica e sensível sobre o modo como percebemos, vivemos e nos conectamos com o ambiente ao nosso redor.

Publicado no Brasil em 2014, o livro oferece uma série de ensaios que combinam filosofia, geografia, história e arte para abordar a paisagem como uma experiência estética e sensorial, além de um objeto de estudo científico. Besse apresenta a paisagem não apenas como um espaço físico, mas como uma construção cultural e simbólica, moldada por nossa percepção e interação com o mundo.

O autor propõe cinco abordagens paisagísticas, chamadas de "portas", que buscam categorizar amplos conjuntos de pontos de vista sobre a paisagem, são elas: **“A paisagem é uma representação cultural e social”**; **“A paisagem é um território fabricado e habitado”**; **“A paisagem é o meio ambiente material e vivo das sociedades humanas”**; **“A paisagem como experiência fenomenológica”** e **“A paisagem como projeto”**. A utilização do termo "portas" revela-se apropriada, representando uma tentativa de ilustrar as diversas entradas para um conceito tão vasto em sua epistemologia e incluem perspectivas estéticas, científicas, históricas, culturais e sensoriais, promovendo uma visão holística e multifacetada da paisagem.

Porta I – A paisagem é uma representação cultural e social

Uma abordagem inicial da paisagem envolve defini-la como um ponto de vista, um modo de pensar e perceber, sobretudo como uma dimensão da vida mental humana. A paisagem não existe de forma objetiva ou independente; ela é relativa ao que os indivíduos pensam, percebem e dizem sobre ela. Sua existência depende da relação com um sujeito, seja individual ou coletivo, que a faz existir como uma dimensão da apropriação cultural do mundo. A paisagem revela-nos os olhares e valores humanos, refletindo mais sobre os próprios seres humanos do que sobre o mundo exterior em si (Besse, 2014).

Nessa perspectiva, o estudo de uma paisagem, real ou apenas representada, costuma ser identificado como um estudo de uma forma de pensamento ou de percepção

¹ “As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas” é o resultado de uma reflexão cuja primeira versão foi publicada em J.L. Brisson (dir.), *Le Jardinier, l'artiste et l'ingénieur*, L'imprimeur, Besançon, 2000, e que foi mais tarde desenvolvida em diversos seminários e conferências. Uma versão resumida desse texto foi publicada, em espanhol, em J. Maderuelo (dir.), *Paisaje y pensamiento*, Abada Editores/CDAN, Madrid, 2006, pp. 145-171.

“subjetiva” e, mais geralmente, uma expressão humana informada por códigos culturais determinados (discursos, valores etc.). É preciso retornar, por assim dizer, ir aquém da própria paisagem, para enxergar nela as razões de ser, na cultura e na vida social, de que é, de alguma forma, a encarnação. A análise da paisagem consiste numa análise de categorias, de discursos, de sistemas filosóficos, estéticos, morais, que a paisagem deve pretensamente prolongar e refletir (Besse, 2014, p. 14).

Segundo o autor, não se deve diferenciar, nesse contexto, a paisagem real da paisagem representada (em imagem ou em texto). Quer seja *in situ* ou *in visu*, a natureza da paisagem não muda fundamentalmente. Ela é sempre, por essência, uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja individual ou coletiva, seja encarnada numa tela, em papel ou no solo. Nesse sentido, do ponto de vista metodológico, é perfeitamente legítimo imaginar uma "iconografia da paisagem". A paisagem foi muitas vezes estudada e designada, antes de tudo, como uma representação artística, principalmente informada pelos modelos da pintura. A invenção histórica da paisagem foi associada à invenção do quadro na pintura durante o Renascimento, assim, a paisagem seria uma vista emoldurada e, em qualquer caso, uma invenção artística (Besse, 2014, p.14-15).

Entretanto, a noção de paisagem também pode ser entendida de forma mais abrangente, como uma representação cultural, coletiva e/ou individual, sem desconsiderar o ponto de vista estético. De fato, de um ponto de vista estritamente metodológico, a ampliação do espectro das disciplinas interessadas na paisagem não implica um questionamento da própria noção de paisagem como imagem, como uma construção figurativa de origem humana, seja *in visu* ou *in situ* (Roger, 2013). A abordagem iconográfica é válida tanto como uma concepção estética da representação quanto como uma concepção cultural abrangente. A paisagem nos fala dos homens, dos seus olhares, dos seus valores, portanto, a paisagem é uma interpretação, uma leitura, um texto humano a ser decifrado, ou ainda, um palimpsesto constituído na base de todas nossas experiências passadas (Besse, 2014, p.21-22).

Entre as diversas perspectivas de pesquisa abertas por essa abordagem, a mais promissora é aquela que investiga as relações, em diferentes épocas culturais, entre o surgimento de novos objetos paisagísticos e a definição de novos valores e normas paisagísticas. As práticas artísticas, ao transformar a noção de obra de arte para incluir formas, atitudes, situações e dados da experiência cotidiana, revelaram a necessidade de repensar a artialização paisagística (Roger, 2013, p.23). Tal atividade artística pode ser vista dentro do contexto mais amplo da fabricação contemporânea das territorialidades. O autor ainda acrescenta que “é do lado dos artistas e nas linguagens novas que eles propõem que, talvez, possamos aprender a ler e a apreciar as paisagens nas quais a organização da vida contemporânea nos levou a viver” (Besse, 2014, p.26).

Porta II – A paisagem é um território fabricado e habitado (leitura de John B. Jackson)

Na segunda porta, Besse (2014) pontua que a escolha da escala de estudo é crucial pois, a medida em que ela cresce, o conceito de paisagem e as questões a serem investigadas inevitavelmente se transformam. Segundo o autor a paisagem pode ser definida como um território produzido e praticado pelas sociedades humanas, por motivos econômicos, políticos e culturais. Nessa perspectiva, o valor paisagístico de um lugar não é considerado apenas do ponto de vista estético, mas em relação às experimentações, costumes e práticas desenvolvidas por um grupo humano nesse local.

Para explorar essa outra perspectiva, Besse (2014, p.28-29) baseia-se nas reflexões de John Brinckerhoff Jackson, fundador da revista *Landscape*. A teoria jacksoniana da paisagem, em constante diálogo com a geografia humana e as ciências sociais de sua época, articula-se a partir de dois enunciados principais: "a paisagem é um espaço organizado" e "a paisagem é uma obra coletiva das sociedades".

Embora a paisagem seja uma maneira de ver e imaginar o mundo, ela é, primeiramente, uma realidade objetiva e material, produzida pelos seres humanos. Toda paisagem é cultural, não apenas porque é vista por uma cultura, mas porque é produzida dentro de um conjunto de práticas (econômicas, políticas, sociais) e segundo valores que simboliza (Besse, 2014, p.30). Portanto, o principal foco de quem estuda as paisagens deve ser a forma como o espaço foi organizado pela comunidade. "Ler a paisagem é compreender os modos de organização do espaço" (Besse, 2014, p.31).

A paisagem é um espaço social. Convém interessar-se, de forma mais geral, pelas formas espaciais e sua diversidade, pelos elementos estruturantes e pelas dinâmicas, morfologias e fluxos que as atravessam e as transformam, pelas descontinuidades do espaço e pelas circulações, pois todos esses traços permitem caracterizar uma paisagem (Besse, 2014, p.31).

As distinções tradicionais entre paisagem comum, produzida inconscientemente por uma coletividade humana, e paisagem intencional, projetada conscientemente por profissionais, tornam-se menos rígidas, pois, em todos os casos e níveis, o objetivo é a organização de um espaço que atenda às necessidades humanas (Besse, 2014, p.33). A paisagem não é apenas um conjunto de espaços organizados coletivamente pelos humanos; ela é também uma sucessão de rastros e pegadas sobrepostas no solo, conferindo-lhe tanto uma espessura simbólica quanto material. A paisagem funciona como um lugar de memória, uma obra em que a terra é o solo e os elementos naturais são os materiais moldados pelo homem. Ela não é a natureza em si, mas o mundo humano inscrito na natureza transformada. Em outras palavras, "a paisagem faz entrar a natureza no tempo histórico" (Besse, 2014, p.35).

Como escreve Jackson (1984), as paisagens sempre foram formadas não apenas por decisões topográficas ou políticas, mas pela organização das pessoas no local e pelo desenvolvimento de espaços ao serviço da comunidade, incluindo trabalho, lazer, contatos humanos e com a natureza. Assim, a paisagem é um espaço político e, talvez, mais social e cultural do que político. Se a paisagem tem um sentido, e se o projeto de paisagem pode ter um sentido, é porque o desafio é tornar o mundo habitável para o homem. O eixo central dessa reflexão é que a paisagem é a expressão de um esforço humano contínuo e frágil para habitar o mundo. Portanto, nunca se deve alterar a paisagem sem antes considerar as pessoas que vivem nela (Besse, 2014, p.36).

Porta III – A paisagem é o meio ambiente material e vivo das sociedades humanas

A partir das análises apresentadas, podemos concluir que a paisagem não é apenas uma vista, imagem ou pensamento, mas um mundo vivido, fabricado e habitado por sociedades humanas em constante mudança (Besse, 2014, p.37). Uma terceira abordagem teórica sugere que a realidade da paisagem excede essas significações subjetivas ou sociais, possuindo substancialidade e espessura intrínsecas. A paisagem é um conjunto complexo de objetos e um campo da realidade material mais amplo e profundo que suas representações (Besse, 2014, p.39).

Para o autor, a paisagem inclui elementos naturais como vento, chuva, água, calor, clima, rochas e seres vivos, formando um meio ambiente que é afetado pela ação, emoção e pensamento humanos, mas que também existe e se desenvolve independentemente do ser humano, tendo precedido e possivelmente sobrevivendo a ele. A paisagem seria, na realidade, uma articulação da natureza e da sociedade, uma integração dos dados naturais e dos projetos humanos. Ela se apresenta cada vez mais como uma entidade relacional, e é essa "relacionalidade" que devemos considerar (Besse, 2014).

Neste contexto, destaca-se a importância do conceito de meio, ou mais precisamente, de mediância, proposto por Augustin Berque (2023) que aborda a totalidade das relações constitutivas das realidades paisagísticas: a paisagem é uma entidade medial. A paisagem é simultaneamente, e essencialmente, totalmente natural e totalmente cultural. É o elemento onde a humanidade se naturaliza e a natureza se humaniza. Isso invalida, em princípio, qualquer abordagem unilateral da paisagem. Portanto, a paisagem deve ser definida, mais rigorosamente, como meio.

Mas então, o que é a paisagem realista? Nela encontramos topografia, geologia, formações vegetais e agrupamentos de animais, além de condições climáticas, hidrográficas e pedológicas. Contudo, também encontramos prédios, dispostos de forma mais ou menos densa e servindo a diversos usos (habitação, culto, comércio), vias de comunicação, estradas, ferrovias, instalações agrícolas e

industriais, que afetam, em diferentes graus, o solo que os sustenta. Esses diversos elementos interagem constantemente entre si (Besse, 2014, p. 43).

A paisagem apresenta-se então, neste caso, como uma morfologia dinâmica, mais precisamente como uma totalidade atravessada por dialéticas internas e externas que se desdobram entre texturas, formas espaciais e temporais, fluxos, matérias descoladas e preenchidas. Essas dialéticas, na verdade, constituem a paisagem como tal na sua realidade concreta (Besse, 2014, p.44).

O que significa que uma paisagem é, acima de tudo, uma totalidade dinâmica e evolutiva, permeada por fluxos naturais com intensidades e direções bastante variáveis, atribuindo-lhe uma temporalidade própria. Para Besse (2018, p.38), as realidades naturais conformam um sistema, interagem umas com as outras e nos inserem em meios complexos, irreduzíveis e irreversíveis, ordenados em escalas de leis e ritmos que fogem ao nosso controle. Pois a natureza na paisagem às vezes tem uma aparência cruel, de fatalidade, de uma catástrofe natural. Mas é também nascimento, crescimento, renascimento, entusiasmo com o novo, vida.

Desse modo, a paisagem deve ser compreendida como o ponto de encontro entre decisões humanas e o conjunto das condições materiais (naturais, sociais, históricas, espaciais etc.) nas quais ela surge e se desenvolve (Besse, 2014, p.45).

Porta IV – A paisagem como experiência fenomenológica

A paisagem é primeiramente uma experiência sensível, uma abertura para as qualidades perceptíveis do mundo. A sociologia, a antropologia e a história das sensibilidades, assim como a história da estética filosófica e numerosos estudos sobre os meios urbanos, demonstram como a paisagem incorpora uma dimensão da relação humana com o mundo e a natureza que a ciência moderna, por princípio, havia descartado: a relação direta, imediata e física com os elementos sensíveis do mundo terrestre. Água, ar, luz, terra—todos são aspectos do mundo acessíveis aos cinco sentidos e à emoção, compondo uma geografia afetiva que ressoa com a imaginação (Besse, 2014, p. 45-46).

De acordo com essa quarta perspectiva, a paisagem pode ser compreendida e definida como o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca. A paisagem é, antes de tudo, uma experiência. No sentido mais amplo, essa experiência paisagística, ou melhor, essa paisagem como experiência, remete o ser humano a uma maneira específica de estar no mundo e ser afetado por ele.

A paisagem é o nome dado a essa presença do corpo e ao fato de ele ser fisicamente tocado pelo mundo ao redor, com suas texturas, estruturas e espacialidades—um verdadeiro acontecimento. A paisagem é primeiramente vivenciada e, talvez depois, descrita (Besse, 2014, p.47).

A caminhada constituir um exemplo fundamental dessa experiência da paisagem: e, mais precisamente, esse momento particular que é o cansaço na caminhada, cansaço que não é nem esgotamento, nem lassidão, mas que restitui a sua disponibilidade ao corpo e, como diz Nicolas Bouvier, a sua **porosidade** em relação ao mundo, que lhe

restitui a sua capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis do mundo (Besse, 2014, p.48).

Segundo o autor, a experiência da caminhada nos mostra que essa "vida" de que falamos, essa "experiência vivida", não se limita à vida interior ou à subjetividade pessoal. Na paisagem, a vida subjetiva se desenrola à beira das coisas. Onde há experiência, há uma exposição da subjetividade a algo externo que a conduz e empurra, às vezes de maneira violenta, além de seus limites. Nesse sentido, a paisagem é, literalmente, "isso" que coloca o sujeito fora de si mesmo (Besse, 2014, p.49).

Essa ideia sublinha como a interação com a paisagem pode ser uma experiência transformadora. Ao caminhar por uma paisagem, somos constantemente confrontados com elementos externos—texturas, sons, cheiros, vistas—que nos tiram de nosso estado interior e nos conectam de maneira visceral ao mundo ao nosso redor.

Esse processo não apenas expande nossa percepção, mas também desafia nossos limites pessoais, ampliando nossa compreensão e integração com o ambiente. Essa perspectiva enfatiza que a paisagem não é apenas um cenário passivo, mas um evento dinâmico que desafia e transforma o observador. Vivenciar a paisagem é, portanto, um ato de imersão total, onde a pessoa se torna parte do ambiente e é simultaneamente transformada por ele.

Para Besse (2014), não se deve afirmar, portanto, que a paisagem é simplesmente concebida como uma experiência. Ela é mais do que isso: é um acontecimento singular e sempre diferente, onde a exterioridade se manifesta. A experiência da paisagem expõe aqueles que se arriscam a uma confusão e tensão entre si e o mundo, um processo que os arrebatava profundamente. Assim, para realmente vivenciar a paisagem, é necessário percorrê-la como um indivíduo.

Porta V – A paisagem como projeto

A quinta perspectiva teórica sobre a paisagem traz a noção de projeto, onde as intervenções se desenvolvem principalmente segundo três direções que não são excludentes: o solo, o território e o meio ambiente natural (Besse, 2014, p.57). Para Besse (2014, p.58) primeiramente, considera-se o solo. Como já abordado, o solo possui uma espessura, que não é apenas material, mas também simbólica. Isso significa que o solo é o resultado de “uma construção histórica”, trazendo “uma superposição de passados” e funcionando como uma reserva de energias futuras.

Em outras palavras, o recurso à paisagem reflete a conscientização de que o espaço não é uma página em branco, mas se assemelha a um palimpsesto. O solo não é uma simples superfície plana disponível para ação, mas uma camada densa “de marcas, pegadas, dobras e resistências que a ação deve levar em conta. Os locais têm memória, por assim dizer” (Besse, 2014, p.58).

Encontramos a mesma perspectiva na reivindicação de uma relação renovada com o território, mas com um elemento adicional: a ampliação da escala de intervenção e, ainda mais, “a articulação entre as diferentes escalas de intervenção” (Besse, 2014, p.58). Segundo o autor, considerar o território significa, por exemplo, analisar:

[...] o espaço urbano na complexidade das suas relações com a organização do espaço rural que o cerca, com a malha das estradas e dos caminhos, com as circunscrições administrativas, em resumo, é recolocar o espaço urbano dentro de alguns conjuntos morfológicos de escalas, temporalidades e lógicas de funcionamento diversificadas, com os quais deve, entretanto se coordenar (Besse, 2014, p.58).

Por fim, a paisagem é fundamental para imaginar soluções que permitam o encontro entre a cidade e a natureza. “As preocupações ecológicas e ambientais são hoje determinantes. A natureza já não significa apenas o “outro” da cidade, essa coisa verde mais ou menos selvagem encontrada fora do universo urbano” (Besse, 2014, p.58). A natureza está presente na cidade de diversas formas: nas preocupações atuais com a qualidade da água e do ar, na drenagem urbana, no saneamento, no conforto térmico, nos projetos de parques e jardins públicos e nas utilização de espécies vegetais nativas buscando o desenvolvimento sustentável. Em outras palavras, a cidade é, hoje, um meio natural híbrido de um tipo particular:

Em outros termos, a problemática paisagística consiste em pensar a cidade a partir das suas relações e na sua integração com o solo, o território, o meio vivo. Ela permite, mais precisamente, recosturar ligações entre a cidade e a sua localização, entre a cidade e o seu território, a cidade e o seu meio natural (Besse, 2014, p.59).

Projetar a paisagem implica tanto representá-la visualmente quanto imaginar seu potencial futuro. Essa dualidade, ou circularidade, é inerente à própria noção de projeto no contexto da paisagem. Portanto, o projeto de paisagem consiste em “criar algo” que, de certa forma, já existe. Trata-se de desenvolver e revelar elementos presentes, mas não percebidos (Besse, 2014, p.61).

Dessa forma, o projeto de paisagem não é apenas uma intervenção física, mas também um processo de revelação e interpretação. Ele envolve um profundo entendimento do contexto histórico, cultural e ecológico do local, permitindo que a intervenção não apenas transforme o espaço, mas também revele e amplifique suas qualidades intrínsecas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA LEITURA E APREENSÃO DA PAISAGEM

A partir do referencial teórico das “cinco portas da paisagem” de Jean-Marc Besse (2014), vinculou-se as perspectivas teóricas às questões práticas, **resultando em procedimentos metodológicos** capazes de serem aplicados ao estudo e pesquisas acerca da paisagem.

De acordo com os conceitos apresentados através da **porta I – paisagem como representação cultural e social** e da **porta II – paisagem como território fabricado e habitado**, a primeira perspectiva destaca a paisagem como uma construção cultural e subjetiva, enquanto a segunda enfatiza a paisagem como um produto concreto das práticas humanas. Ambas consideram a paisagem tanto em suas dimensões simbólicas quanto as suas características materiais e culturais, desse modo as duas perspectivas se complementam ao oferecer uma visão abrangente da paisagem.

Portanto, os **procedimentos metodológicos** adotados, vinculados a essas portas compreendem: **a pesquisa bibliográfica histórica, a pesquisa através de memorialistas e o levantamento iconográfico.**

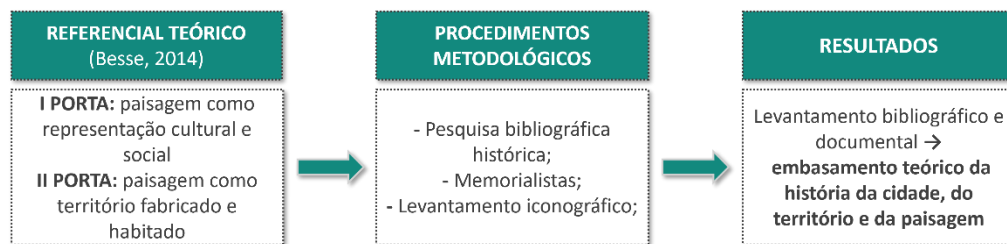
A **pesquisa bibliográfica histórica** se mostra essencial para contextualizar a paisagem dentro de uma linha temporal. Ao investigar documentos, livros e artigos acadêmicos, arquivos de jornais e de museus, é possível traçar a evolução de uma área específica, compreender os processos históricos que moldaram a paisagem e identificar padrões e mudanças ao longo do tempo. Esse tipo de pesquisa permite o acesso a décadas de conhecimentos acumulados, e oferece valiosas percepções sobre práticas agrícolas, urbanísticas, ecológicas e culturais que influenciaram a configuração atual da paisagem.

O estudo através de depoimentos e obras de **memorialistas** enriquece a análise da paisagem ao incorporar narrativas pessoais e comunitárias. Esses relatos são fundamentais para entender como as pessoas interagiram com o meio ambiente, adaptaram-se às mudanças e contribuíram para a modelagem da paisagem. Através dessas histórias, é possível capturar aspectos subjetivos e emocionais que frequentemente escapam aos registros oficiais e científicos.

O **levantamento iconográfico** envolve a coleta e análise de representações visuais, como pinturas, desenhos, gravuras e outros tipos de ilustrações que retratam a paisagem ao longo do tempo. Essas representações oferecem uma perspectiva histórica e cultural sobre como a paisagem foi percebida e valorizada em diferentes épocas. Ao estudar esses ícones visuais é possível identificar mudanças na estética, na percepção cultural e nas práticas de uso do solo. As imagens iconográficas complementam outras fontes de dados ao fornecer uma dimensão artística e cultural, ajudando a compreender como a paisagem foi idealizada e interpretada por diferentes sociedades.

Todos esses procedimentos resultam no **embasamento teórico da história da cidade, do território e da paisagem.**

Figura 1 - Procedimentos metodológicos referentes as Portas I e II.



Fonte: Produzido pelas autoras (2024), baseado em Besse (2014).

A perspectiva apresentada na **porta III - A paisagem é o meio ambiente material e vivo das sociedades humanas**, aborda a paisagem como o ponto de encontro entre decisões humanas e o conjunto das condições materiais, sendo definida como um conjunto complexo e interligado de objetos, representando um domínio da realidade material mais vasto e profundo do que as representações que a acompanham.

Os **procedimentos metodológicos** envolvidos nesta porta compreendem a **análise de imagens do Google Earth e mapas de acervos e repositórios institucionais, o levantamento documental da legislação e de mapas e registros fotográficos históricos**.

A **análise de imagens** de satélite e dados geoespaciais oferecidos pelo Google Earth e mapas de acervos e repositórios institucionais, é uma ferramenta que amplia os estudos e pesquisas acerca da paisagem. Essas tecnologias permitem uma visão detalhada e em tempo real das mudanças na superfície terrestre, possibilitando a identificação de padrões de uso do solo, desmatamento, expansão urbana e outras transformações significativas. Através dessas imagens, é possível monitorar e documentar a evolução da paisagem, detectar alterações ambientais e planejar intervenções mais eficazes. O uso desses dados facilita a visualização e análise de grandes áreas com precisão, oferecendo uma base sólida para estudos comparativos e planejamento territorial.

O **levantamento documental da legislação e de mapas** fomenta a compreensão dos aspectos normativos e geoespaciais da paisagem. A legislação, incluindo leis ambientais, urbanísticas e de uso do solo, revela as diretrizes e restrições impostas pelo poder público ao longo do tempo. Essas normas têm um impacto direto na preservação, modificação e utilização da paisagem. Por sua vez, os mapas oferecem uma representação visual da evolução territorial, permitindo a análise de mudanças físicas, como a urbanização e expansão agrícola. Em conjunto, esses documentos fornecem uma base sólida para entender a conformação atual da paisagem e as forças que a moldaram.

Os **registros fotográficos históricos** são testemunhos visuais inestimáveis da evolução da paisagem. Fotografias antigas capturam momentos específicos no tempo, documentando mudanças físicas e sociais em uma região, essas imagens

permitem uma comparação direta entre o passado e o presente, revelando transformações na infraestrutura, na cobertura vegetal e na ocupação humana. Além de servir como evidências visuais, as fotografias históricas também evocam aspectos emocionais e culturais, proporcionando uma conexão tangível com o passado. A partir desses procedimentos metodológicos é possível elaborar **mapas com sobreposição de dados**, resultando assim, no **reconhecimento da paisagem**.

Figura 2 - Procedimentos metodológicos referentes a Porta III.



Fonte: Produzido pelas autoras (2024), baseado em Besse (2014).

Conforme a perspectiva apresentada pela **porta IV – A paisagem como experiência fenomenológica**, é abordado uma "paisagem vivenciada", entendendo-a como uma vivência sensorial, uma receptividade às qualidades sinestésicas do mundo. Assim, a paisagem pode ser compreendida e definida como o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca, uma experiência com todos os sentidos. A caminhada se constitui como um exemplo dessa experiência.

Neste sentido, os **procedimentos metodológicos** adotados para esta porta são: **os percursos de observação (caminhar), registros fotográficos históricos e aplicação de questionários e entrevistas**.

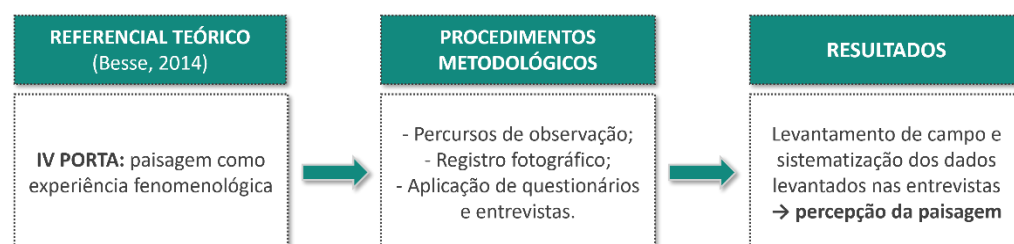
Os **percursos de observação** são recursos importantes para o estudo da paisagem, pois permitem uma interação direta e imediata com o ambiente e o território. Ao percorrer uma área específica, é possível observar e registrar aspectos físicos, como topografia, vegetação e uso do solo, bem como elementos culturais e sociais, como construções, práticas agrícolas e atividades humanas. Esse procedimento proporciona uma percepção sensorial e empírica da paisagem, permitindo uma avaliação detalhada e contextualizada. Além disso, os percursos de observação facilitam a identificação de características únicas e dinâmicas locais que podem não ser capturadas por outras técnicas de análise.

Os **registros fotográficos** são uma das formas para documentar e analisar a paisagem. As fotografias oferecem uma representação visual precisa e objetiva, capturando detalhes e nuances que podem ser facilmente revisados e comparados ao longo do tempo. Esse procedimento permite a criação de um banco de imagens que serve como evidência visual das mudanças na paisagem, facilitando

a identificação de tendências e padrões. Além disso, as fotografias podem ser utilizadas para ilustrar relatórios e apresentações, tornando os resultados da pesquisa mais acessíveis e compreensíveis para um público mais amplo. Esses registros complementam outras metodologias e fornecem uma dimensão visual e tangível da paisagem.

A **aplicação de questionários e entrevistas** é o meio essencial para compreender as percepções, experiências e conhecimentos das comunidades locais em relação à paisagem. Esses procedimentos qualitativos permitem a coleta de dados diretamente das pessoas que vivem e interagem com o ambiente e o território estudado. Os questionários podem fornecer dados também quantitativos sobre opiniões, hábitos e atitudes, enquanto entrevistas abertas oferecem uma compreensão mais profunda e detalhada dos significados e valores atribuídos à paisagem. A incorporação das vozes e perspectivas dos residentes locais enriquecem a análise, destacando aspectos subjetivos e culturais que podem não ser evidentes através de métodos puramente observacionais ou visuais. Assim, esses procedimentos metodológicos em conjunto se complementam, resultando em uma **percepção abrangente da paisagem**.

Figura 3 - Procedimentos metodológicos referentes a Porta IV.



Fonte: Produzido pelas autoras (2024), baseado em Besse (2014).

A última perspectiva abordada através da **porta V – a paisagem como projeto**, compreende a relação de planos e projetos com seu contexto, onde a paisagem, decorre da reflexão sobre os espaços habitados, considerando as relações e a integração com o solo, o território e o meio natural, assemelhando-se a um palimpsesto. Neste contexto, os procedimentos metodológicos vinculados a essa porta consistem na **análise do Plano Diretor, planos ambientais e de turismo, e dos planos municipais**; assim como de diferentes projetos paisagísticos e urbanísticos relacionados com o objeto de estudo.

A análise do **Plano Diretor** permite compreender como a cidade planeja seu crescimento, preservação ambiental, infraestrutura, mobilidade urbana e uso do solo. Ao analisar esse documento é possível identificar as áreas de expansão urbana, zonas de preservação ambiental, áreas de interesse histórico e cultural, e as políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes. Além disso, a análise do Plano Diretor pode revelar os desafios e

oportunidades para a gestão sustentável da paisagem, informando decisões estratégicas e políticas públicas.

Os **Planos Ambientais** são documentos que estabelecem as estratégias para a conservação e uso sustentável dos recursos naturais. Eles incluem diagnósticos ambientais, objetivos, metas e ações para a preservação de ecossistemas, a recuperação de áreas degradadas e o manejo sustentável dos recursos. A análise desses planos é fundamental para entender como a paisagem natural é protegida e manejada, bem como para identificar áreas prioritárias para a conservação e restauração ambiental.

A análise dos **Planos de Turismo**, permite avaliar como o turismo influencia a paisagem e como as políticas de turismo sustentável podem contribuir para a preservação e valorização do patrimônio local. Esses planos, por sua vez, delineiam as estratégias para o desenvolvimento do turismo sustentável, valorizando o patrimônio natural e cultural da região, e identificam atrativos turísticos, propõem infraestruturas e serviços, além de estabelecem diretrizes para a promoção do turismo de forma a minimizar os impactos ambientais e maximizar os benefícios socioeconômicos.

Por fim, a análise da **Legislação Municipal** abrange normas que regulam aspectos como uso do solo, proteção ambiental, patrimônio cultural, construção civil e desenvolvimento econômico. Tal procedimento é fundamental para compreender as diretrizes que influenciam a organização do espaço urbano e rural, identificando restrições e permissões relacionadas a construções, atividades econômicas e conservação ambiental. Ademais, a legislação municipal expressa valores e prioridades da comunidade, orientando políticas públicas voltadas à sustentabilidade e à qualidade de vida. Esses procedimentos, relacionados com o recorte da área de estudo, permitem **intervenções com e na paisagem**.

Figura 4 - Procedimentos metodológicos referentes a Porta V.



Fonte: Produzido pelas autoras (2024), baseado em Besse (2014).

Para concluir, os estudos acerca da paisagem devem ser guiados por abordagens e análises multidimensionais e multiescalares, sendo imprescindível integrar diversos procedimentos metodológicos.

A pesquisa bibliográfica histórica, o levantamento iconográfico e a análise de memorialistas possibilitam identificar padrões históricos, culturais e legislativos

que moldaram a paisagem. Ferramentas como imagens de satélite, mapas institucionais, registros fotográficos históricos e documentos legais são essenciais para compreender as transformações ambientais, culturais e sociais.

Complementarmente, metodologias como percursos de observação, registros fotográficos contemporâneos, questionários e entrevistas oferecem uma análise detalhada das dinâmicas da paisagem. Por fim, a análise do Plano Diretor, dos Planos Ambientais e de Turismo, e da Legislação Municipal é essencial para compreender as diretrizes que orientam o desenvolvimento e a conservação. A integração dessas abordagens promove uma visão holística da paisagem, contribuindo para estratégias eficazes de planejamento, preservação e valorização do patrimônio natural e cultural.

O quadro síntese dos procedimentos metodológicos passíveis de serem aplicados em pesquisas e estudos sobre a paisagem, aponta os resultados possíveis que cada abordagem pode apresentar. Todo o referencial teórico está ancorado nas cinco problemáticas paisagísticas que coexistem no pensamento contemporâneo de Besse (2014).

Figura 5 - Quadro síntese dos procedimentos metodológicos

REFERENCIAL TEÓRICO (Besse, 2014)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RESULTADOS
I PORTA: paisagem como representação cultural e social II PORTA: paisagem como território fabricado e habitado	- Pesquisa bibliográfica histórica; - Memorialistas; - Levantamento iconográfico.	Levantamento bibliográfico e documental → embasamento teórico da história da cidade, do território e da paisagem
III PORTA: paisagem como meio ambiente material e vivo das sociedades humanas	- Análise de imagens do Google Earth e mapas de acervos e repositórios institucionais; - Levantamento documental, da legislação e de mapas. - Registros fotográficos históricos.	Elaboração de mapas com sobreposição de dados → reconhecimento da paisagem
IV PORTA: paisagem como experiência fenomenológica	- Percursos de observação; - Registro fotográfico; - Aplicação de questionários e entrevistas.	Levantamento de campo e sistematização dos dados levantados nas entrevistas → percepção da paisagem
V PORTA: paisagem como projeto	- Análise do Plano Diretor; - Planos Ambientais e de Turismo; - Legislação municipal.	Análise de planos e projetos relacionados com o recorte da área de estudo → intervenções com/na paisagem

Fonte: Produzido pelas autoras (2024), baseado em Besse (2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este artigo destacou a importância das pesquisas e reflexões críticas sobre as transformações da paisagem e sua compreensão, evidenciando a necessidade de aprofundamento teórico nesse campo de estudo. As particularidades e métodos de pesquisa acerca da paisagem demandam uma abordagem cuidadosa e diversificada, que leva em conta as múltiplas dimensões históricas, culturais, ecológicas e sociais que a constituem.

É reconhecido que os procedimentos metodológicos apresentados são multidimensionais e multiescalares, refletindo a complexidade inerente à paisagem. No entanto, é fundamental ressaltar que esses métodos não são os únicos meios de estudo da paisagem. Assim como a paisagem está em constante transformação, as pesquisas também evoluem continuamente, exigindo novas abordagens e perspectivas para acompanhar as mudanças dinâmicas que ocorrem no ambiente e território. Portanto, este trabalho busca contribuir para o avanço do conhecimento, incentivando a continuidade e a inovação nas investigações sobre a paisagem.

Referências

- AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ASSUNTO, R. **Paisagem, Ambiente, Território – uma tentativa de clarificação conceitual**. In: Serrão, A.V. (org.). **Filosofia da Paisagem – uma antologia**. Lisboa: CFUL, 2011. p. 125-129.
- BERQUE, A. **O pensamento-paisagem**. São Paulo: Edusp, 2023.
- BESSE, J.M. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.
- BESSE, J.M. **La nécessité du paysage**. Marseille: Parentheses, 2018.
- JACKSON, J. B. **Discovering the Vernacular Landscape**. New Haven: Yale University Press, 1984.
- MADERUELO, J. (Org.). **Paisaje y pensamiento**. Madrid: Abada, 2006.
- PAISAGEM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paisagem/>. Acesso em 08 jul. 2024.
- ROGER, A. **Breve tratado del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2013.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988;
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SERRÃO, A. V.; REKER, M. **Philosophy of landscape. Think, Walk, Act**. Lisboa: CPUL, 2019.